

# POVO DE AVEIRO

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

**Assignaturas**

Numero 248

AVEIRO—Um anno, 12200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 12500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantos tem desconto de 30 por cento.

3.º Anno

NUMERO AVULSO, 30 REIS

PAGAMENTO ADIANTADO

## O ESPIRITO DAS TULHERIAS

Officiaes e soldados do exercito francez—dissemos—não tinham sido preparados, educados, ensinados para combater os prussianos, para defender a patria, mas para defender o regimen. Era este o seu unico fim, a sua preocupação exclusiva. Não se esqueçam! Não se esqueçam! Em idênticas circunstancias, o mesmo succede em toda a parte.

Em 1869, quando foi do celebre, do famoso plebiscito, 1.931 militares—porque os militares tinham voto—dissêram *Não*, em Strasburgo, contra 5:650, que dissêram *Sim*. Houve pânico, houve indignação, houve um inquerito. Os militares tinham voto, mas era para votar a favor do Imperio. Quem se atreva a dizer *Não*? Com verdade, ou sem ella, descobriam, ou imaginariam descobrir, alguns dos *atrevidos*. E o castigo não se fez esperar. Tres alumnos da *Escola de serviço militar* foram mandados fazer serviço nos regimentos, como simples soldados. Varios cabos e sargentos do regimento de artilheria n.º 5, do 86 e 96 de infantaria, do 6.º e 13.º batalhão de caçadores a pé, tiveram baixa de posto. Um soldado do 96 de infantaria foi mandado para as companhias de correção.

Raspail interpellou na camara o ministro. O celebre Leboeuf, modelo de alguns que nós conhecemos, o celebre Leboeuf, que affirmava no parlamento, em 1870, no dia da declaração da guerra, que o exercito francez estava tão preparado que nem um botão faltava na jaqueta d'um soldado!

Leboeuf respondeu confessando que os castigos eram verdadeiros, mas que não tinham sido motivados na votação do plebiscito. Então Julio Ferry levantou-se, para demonstrar a mentira do ministro da guerra, e lêu a seguinte ordem do dia do coronel do regimento de infantaria n.º 61, de guarnição em Strasburgo:

«O coronel está longe de fazer cumprimentos ao regimento pelo seu voto de honra. Nunca imaginou que houvesse tantos soldados maus no 61!

Cora de vergonha, quando tomara os 27 votos negativos do regimento, com os 41 do regimento 86, seu camarada de brigada.

Quer crer que muitos dos soldados, sobretudo dos mais novos, só procederam tão estupidamente por fraqueza e credulidade infantil.

Nós todos, desde o primeiro até ao ultimo, somos responsaveis pelo attentado e não tardaremos, provavelmente, a soffrer-lhe as consequências.

O regimento só tem um meio de lavar a mancha que, n'um momento de fraqueza, cahiu sobre o seu numero, até aqui sem mancha: é redobrar, na occasião precisa, de firmeza, de dedicação, de fidelidade à bandeira.

Esta ordem será lida em tres formaturas consecutivas.

O coronel tinha razão. A bandeira não era a bandeira da patria, é claro. Era a bandeira do Imperio!

Redobrar, na occasião precisa, de firmeza, de dedicação, de fidelidade a essa bandeira, era attentar contra todas as reclamações de liberdade e de pudor, era espingardear aquelles que se atrevessem a formular nas ruas reclamações d'essa especie.

O coronel tinha razão. Votar contra o imperio, era uma verdadeira ignominia para o exercito.

Assim se pensa em toda a parte, em idênticas circunstancias! Tinha razão, tinha razão. O exercito era do regimen, não era da nação. Defendia o regimen, não defendia a nação.

Era esse o espirito das Tulherias. Era essa a palavra de ordem. E, em idênticas circunstancias, o mesmo succede em toda a parte!

Succumba a nação. Comtante que se salve o regimen!

Ha um bello livro—*La Guerre telle qu'elle est*—onde Patry, o seu auctor, traça, dia a dia, as impressões que recebeu durante a guerra franco-prussiana. Esse homem não é republicano. Não esconde, mesmo, a sua má vontade à democracia, apesar de declarar terminantemente que não é politico. Pois bem. Ouçamo-lo.

Patry fez parte do exercito de Metz como tenente e como capitão. Em 13 de setembro, uma proclamação, dirigida aos habitantes da cidade, annunciou a catastrophe de Sédan, com as suas consequências: o captivo do imperador e o advento da Republica. Em 17, foi participado ás tropas o novo estado de coisas, n'uma ordem do dia, sendo advertidas de que deviam ao novo regimen a mesma dedicação que ao antigo. E o exercito, que já estava inactivo desde 1 de setembro, cahiu, desde esse momento, n'um verdadeiro marasmo.

Em 26 de outubro, Bazaine communicou, oficialmente, que tendo a imperatriz recusado aceitar a regencia e que não querendo o *conde de Paris* encarregar-se da pesada missão de governar o *paiz n'aquelle instante*, o exercito, exausto de forças e de viveres, não tinha outro recurso senão aceitar as condições do vencedor, isto é, a capitulação.

Quaes condições? Os officiaes conservavam as suas espadas, como homenagem ao valor de que tinham dado provas. Era tudo!

Patry encerra-se no seu quarto a chorar. Nunca chorou, nem soluçou tanto, confessa, em toda a sua vida! As lagrimas alliviam-lhe o peso enorme que tem na cabeça. Essa expansão fez-lhe bem. Póde pensar!

«Uma lacuna enorme se offercia ao meu espirito. Era indiscutivel, para mim, que o nosso exercito se podia bater com o inimigo. Tinha-o provado, largamente, nos campos de batalha, durante o mez de Agosto. Indiscutivel, da mesma forma, que, apesar das suas qualidades guerreiras, acabava de ser entregue, vergonhosamente, ao inimigo, depois de decorridos dois mezes sem combate. Porque?

Quebrava a cabeça, sem encontrar uma explicação. De repente, fez-se luz. O meu espirito fixou-se nas diversas phasés pelas quaes tinham passado os preliminares da capitulação. O lado politico, que me tinha escapado, illuminou-se, de subito, com toda a vileza, com toda a ignominia da realidade. Para que foi o marechal *offerrecer a regencia à Imperatriz*, que já não era nada n'um paiz onde existia outro governo? Para que se quiz *entender como o conde de Paris*, cuja familia tinha sido exilada? Porque quiz entrar em relações com ambos? Não havia em França um governo proclamado, e um governo tão real e tão vivo que continuava ha dois mezes a guerra, depois dos exercitos imperiaes terem desaparecido? O marechal Bazaine não tinha nenhum direito a offerrecer o seu exercito senão ao governo existente. Era esse o unico com o qual poderia, e deveria, pôr-se em relações. De mais, não tinha elle mesmo dicto, no começo de setembro, que o nosso dever era dedicar ao novo regimen a dedicação que tinhamos dedicado ao antigo? Oh! o miseravel, que nos queria fazer instrumento de uma restauração de que elle seria o unico a tirar proveito!

Então brilhou, com todo o brilho, nos meus olhos, o mobil que impelliu Bazaine a não se aproveitar das enormes qualidades do seu exercito, dos successos alcançados a 14, 16 e 31 de Agosto, a encerrar-se em Metz, onde ninguém lhe poderia fazer nóg-

sa. Queria apenas aguardar os acontecimentos, conservando todas as suas forças para, no momento opportuno, intervir como senhor, apoiado na solidez do seu exercito. E para satisfazer um interesse tão mesquinho, fazia, esse monstro, capacho da sua dignidade de marechal e da honra de duzentos mil valentes, de duzentos mil soldados, levando a driblez do seu caracter até ao ponto de fingir que tinha sido forçado pelo inimigo a encorrular-se em Metz.

Mas não contou com a energia e a reacção da França, que em logar de se render de pés e mãos atadas depois de Sédan, ergue a cabeça altivamente, e, ainda que quasi desarmada, continuou a lutar defendendo a sua honra; e a paz, que elle esperava vêr assignada nos meados de setembro, não vindo liberta-lo, todos os seus culculos tenebrosos se desataram na catastrophe que nos mergulhou a todos n'uma cloaca immunda. Miseravel! Não passaram, então, d'um simples espectáculo, as nossas luctas tão gloriosas no planalto de Rezonville! os nossos assaltos tão brilhantes contra os entrenchamentos de Faily e Lervigny! Um espectáculo, que custou 45:000 homens mortos e feridos nos campos da batalha!

Evidentemente, a responsabilidade inteira cahia sobre Bazaine, que era o commandante em chefe. Mas ao seu lado estavam homens que, no entanto, tinham todo o interesse em não deixar emporcalhar um passado inteiro de honra e gloria. Ao seu lado estavam Canrobert, Bourbaki, Ladmirault, etc. Como foi que nenhum d'esses homens, ou um em nome de todos, se dirigiu a Bazaine, quando as tropas começaram a comer os cavallos, para lhe dizer: «Onde nós quereis levar? Quando os cavallos tiverem desaparecido, o que havemos de atrelar, para dar batalha, ás nossas baterias? Respondei, que o exigimos em nome da nossa honra e das bravas tropas que em nós depositam confiança.» Se o disse, porque foi que nenhum d'elles, que todos consideravamos como os typos mais perfectos da honra militar, porque foi que nenhum d'esses generaes não voltou, passados dias, a casa de Bazaine, de revolver no bolso, para desfazer a ingrata figura d'esse bouledogue entregando o commando ao que fosse mais digno?

Porque foi? Pelo mesmo motivo porque Mac-Mahon se foi espetar em Sédan, com plena consciencia de que caminhava para um desastre.

Napoleão III queria retroceder sobre Paris. Porque o não fez? Porque a imperatriz lhe telegraphou, dizendo: «Não penseis em voltar aqui. O vosso regresso faria desencadear uma espantosa revolução.»

Conta-se que accrescentara, depois de expedido o telegramma: «Não chegaria vivo ás Tulherias.»

Trochu foi de Chalons a Paris para convencer a imperatriz. Mac-Mahon reconhecia e assignalava o perigo da marcha de flanco. Debalde. Marche, marche, para salvar a monarchia! Marche ao acaso, marche à aventura! Rouher vae a Chalons para convencer o imperador. Acima de tudo a salvação do throno! Perca-se tudo, mas salve-se o throno! Marche, marche!

E Mac-Mahon marchou, levando consigo o imperador. Marchou para o açougue, marchou para a ignominia. Em nome da salvação da monarchia!

Mac-Mahon foi para deante para fugir à revolução. Bazaine encerrou-se em Metz para combater a Republica, filha da revolução. Soldados do regimen. E com elles Canrobert, Bourbaki, Ladmirault, Ducrot, Wimpffen, Palikao, Leboeuf, Trochu. Oh! Todos! Todos! com raras, rarissimas excepções. E assim succede em toda a parte!

Se Bazaine não se encerrasse em Metz, se combatesse como soldado honrado e valoroso, se Mac-Mahon se approximasse de Paris, melhores dias teriam vindo a França. Mas era, ao mesmo tempo, o triumpho certo da Republica. Mais valia arriscar tudo, embora com sérias probabilidades de tudo perder. Que importava jogar a vida de milhares e milhares de homens? Que importava jogar os destinos d'um paiz?

Comtante que restasse uma unica probabilidade de se salvar a monarchia.

Ah! Os regimens condemnados são assim: uma roleta! E todos os que os servem, batoteiros desesperados e sem pudor. Nem amor à fazenda, nem amor à honra.

Transigir com elles, é uma loucura.

Esperar d'elles uma melhoria ou um progresso, uma verdadeira irrisão.

## MANOBRAS

Diz-se que este anno haverá grandes manobras. Que serão no Bussaco. E que vão consistir na repetição exacta da batalha entre o exercito anglo-luso e o exercito francez.

Pagodes, como sempre! Nenhum exercito, que invadisse Portugal pela Beira, seguiria mais o caminho do Bussaco para avançar sobre Lisboa.

Nenhum general, que encontrasse o inimigo no Bussaco, deixaria mais de reconhecer o caminho de Boialvo.

Nenhum general, por isso mesmo, occuparia mais o Bussaco, á espera do exercito invasor.

Nenhum general daria mais, como Massena, o ataque de frente. No entanto, vae-se repetir a batalha do Bussaco!

Apezar de tudo, até vêr não acreditamos.

## REPUBLICANOS

O nosso prezado collega *O Norte* terminou a apreciação ao que, em 17 de Abril findo, sob o titulo *Republicanos*, escrevemos aqui. E só fica de pé—porque, no resto, o collega concorda com todas as nossas affirmações—aquillo que logo de principio foi o motivo capital, senão exclusivo, da nossa divergencia. Nós consideramos o prezado collega um pouco optimista. Mas não lhe fica mal!

Não ha perfeita união entre os republicanos. Isso não ha. Diz o collega que sim e affirma, até, que a houve sempre. «O partido republicano não tinha tido motivos sérios para uma desunião profunda que nunca chegou a existir.» Agora é optimismo exaggerado. E não diremos já que lhe fique tão bem como o optimismo moderado.

Se houve motivos sérios, ou não houve, para a desunião profunda, pouco importa. Mas que essa desunião existiu é um facto que se não pôde contestar. Conhece-a o paiz inteiro. E foi ella a causa principal do esphacelamento em que o partido republicano vegetou por alguns annos.

A que chama o collega *motivos sérios*? Quer-nos parecer que toma por isso as *questões de principios*. Então a questão de principios nunca foi causa de dissensões entre os republicanos? Olhe que passa um triste diploma aos correligionarios. Ou imbecis, ou tratantes! Na verdade, vivermos n'um meio corrupto, cheio de iniquidades, cheio de mentiras, cheio de preconceitos, que havia de influir sobre os republicanos, amollecendo uns e, por

uma nobre reacção, enrijando outros, e tendo havido entre elles tantas dissensões, não ter havido nenhuma por questões de principios, é forte!

O que tem graça é que quasi todos os escriptores e oradores do partido republicano fazem essa affirmação. Nós temo-la lido e ouvido cem vezes. E nunca a lêmos, nem ouvimos, que não digamos, de nós para nós: *são uns barbas!*

Deixe-nos *O Norte* falar assim. Isto é modo que nós temos. Gostamos d'esta semcerimonia. Sempre fomos pouco dado a subterfugios e a etiquetas. Creia o prezado collega que não nos inspira, singularmente, senão estima e consideração. Apressamo-nos a dizer isto, para evitar falsas interpetações.

*São uns barbas*. E, ao mesmo tempo, protestamos intimamente. Porque, pelo que nos toca, nunca tivemos questões de pessoas senão por causa de questões de principios. De principios e de *processos*. Ha quem queira distinguir.

As pessoas nunca nos trataram mal senão depois de nós as tratarmos mal a ellas. E nós nunca as tratámos mal a ellas senão por ellas tratarem mal os principios.

Os outros dizem que não? Pois que digam. Tanto dissêram que acabámos por nem os ouvimos.

Assim fomos e assim somos. Não ha condescendencias nem amizades capazes de nos fazerem calar o nosso sentir. Ao nosso maior amigo diremos que vae mal, quando virmos que vae mal. E' claro que se for republicano e lhe dissêrmos isso com rudeza, elle, em nome da liberdade, da egualdade e da fraternidade—principalmente em nome da fraternidade, não ha pessoas mais fraternas!—o menos que nos chama é vendido e traidor. Deixa-lo chamar.

A questão de principios tem sido, pois, motivo de dissensões para alguns. Poucos? Sem duvida. Não são muitos os que têm principios n'esta terra. Isso não. Porque, para ter principios, é preciso ser mais alguma coisa do que idiota. Estamos hoje na nossa maré de franqueza.

A maioria, a grande maioria, tem tido dissensões por despeitos, e despeitos de toda a casta. Motivos pouco sérios? Concordamos. N'essa parte tem *O Norte* razão. Mas motivos pouco sérios, não fundo. De facto, seriísimos. Homens separados por principios podem achar um ponto de união para se entenderem. Homens separados por despeitos, resentimentos, odios, invejas, nunca se entendem lealmente.

Ora é esse o mal do partido republicano portuguez, e, mais ou menos, do partido republicano em todo o mundo. A inveja é o grande mal das democracias. Tanto mais prejudicial, quanto mais mesquinho ou enfezado for o meio. Em Portugal é um veneno terrivel.

Para haver união, é disciplina, no partido republicano, era preciso que houvesse união e disciplina nos seus magnates. Que elles tivessem tacto e abnegação. Não tem. Roem-se de inveja uns aos outros. E são egoistas, incapazes do acto mais pequenino de trabalho, ou de abnegação. E são, em regra, uns cabezinhas d'arroz.

*O Norte* vê a fazer-se, por toda a parte, a *união perfeita*. Pois nós, por entre linha, não vemos, e não lêmos, senão provas, por toda a parte, de que ella está longe de se fazer.

Não se iludam, que perdem tempo e cançam-se.

Diz *O Norte* que a disciplina não ha de surgir porque se organizem muitas comissões municipais. Pois diz muito bem. As comissões municipais são mais focos de perturbação e de intriga do que outra coisa. Em geral. Não ha regra sem excepção. São pretexto para os idiotas ostentarem importancia. Vão para lá prégar, mostrar que também são gente. E em elles começando a dar sentenças, a formular propostas e a engendrar projectos, arrasa-se Troia e cahe o céo.

A estas horas estão elles a lêr-nos e a descompôr-nos. Deixa-los descompôr.

Temos visto para ali encher a bôcca com o povo. Ora o povo é uma grande força quando está educado. Mas entre nós, por isso mesmo que não tem educação nenhuma, como elemento director, fecundador, renovador, vale pouco. Não esperem d'elle, como alguns esperam, a constituição do partido republicano. Isso é um disparate.

O povo é que ha-de juntar os chefes, temos nós ouvido muita vez. Não junta nada. Ou os chefes se juntam, se harmonisam, se entendem, para arrastar o povo atraz de si, ou não se faz coisa nenhuma.

E para se fazer alguma coisa não é preciso que se juntem os chefes todos. Basta que se juntem os de maior prestigio e os de maior audacia. Esses bastam para se constituir uma força irresistivel.

Que se encontrem e que se entendam. Estabeleçam uma liga da imprensa republicana, ou dos órgãos principaes d'essa imprensa.

E, n'um esforço bem combinado, fazem uma propaganda intensa. Antes de marcharem para congressos, façam isso. Senão sahe-lhe obra ephemera, ou morta á nascença, como de costume.

Não se preocupem com *uniões perfectas*. Deixem-se d'essas *infantilidades*. *União* perfectas não ha. E na impossibilidade de as haver, o que convem? Que a união se faça entre os mais intelligentes, os mais probos, os mais convictos, os mais trabalhadores, os mais andazes. Não façam o que os senhores sempre teem feito, que é dar a um idiota a mesma importancia que dão a um homem de valor. Tratem de conhecer a fundo a politica republicana e os politicos. Isso não só em Lisboa e no Porto, como em toda a parte. E, depois, *distingam*. Senão desunem, quando julgam unir. Senão desanimam, quando julgam animar. Senão dissolvem, senão escangalham tudo, como sempre teem feito. Nunca teem feito outra coisa. E já temos visto que vão, de novo, pelo mesmo caminho.

Organisem o quadro. Não ha exercito sem quadros. Instruam os quadros. Disciplinem os quadros. Oriem os marchas e deem-lhes força. Não lh'a tirem, como sempre teem feito. Se elles são umas bestas, arranquem-lhe o bastão, ou não lh'o deem nunca, que é mais facil. Mas se elles são honrados e intelligentes, apoiem-nos, fortaleçam-nos contra todas as intrigas, invejas, machinações de toda a ordem. E, feito isso, teem um grande exercito. Soldados não faltam. Depressa se arregimentam e facilmente se manobram.

Mas que estamos nós aqui a dizer? Estamos a prégar aos peixes. Desculpe-nos o nosso prezado collega *O Norte*. Ao collega pouco temos dicto, porque pouco tinhamos a dizer. Como já escrevemos, estamos de accordo na quasi totalidade dos pontos da nossa discussão. Ao *Norte*, pois, dissémos tudo. Aos outros, que não nos convem, não dizémos nada.

Estamos fartos de conhecer a nephelibaticidade que domina o partido republicano. Nada se fez de pratico. E nada se faz. Ou pouco se fará.

Não gastaremos, pois,—demais a mais não estamos alistado no partido—cêra com ruins defunctos.

E temos dicto.

Acaba de ser collocada como professora no visinho lugar de Arada, a menina Etalina Rocha, filha do sr. Diniz Rocha, d'esta cidade.

## Cartas d'Algueres

6 DE MAIO.

Não obstante a violencia, o despotismo da ultima dissolução da camara dos deputados, tudo vae em mar de rosas. O paiz não se commove com coisa nenhuma. O paiz *resigna-se*.

A resignação é a nota typica d'esta terra. Vejo-a em tudo e por tudo. Cantada e proclamada como grande virtude nacional.

De vez em quando, para distrahir um pouco o espirito, vou ao theatro. N'outro dia fui vêr a *Cruz da Esmola*, a nova peça portugueza. Pois lá encontrei a santa resignação nacional, que depois de muito espicçada acaba pelo suicidio!

E' tudo quanto dá esta gente. Atura todos os pontapés, todos os vexames, todas as affrontas, todas as infamias. Tudo supporta com paciencia evangelica, com santa resignação. Mas quando a taça trasborda, então suicida-se!

N'esse ponto a *Cruz da Esmola* é genuinamente portugueza.

Na *Magda* ha uma mulher que se revolta, e nas *Fogueiras de S. João*, do Sunderman, e na *Casa da Boneca*, do Ibsen. São bem a expressão do temperamento d'aquelles povos, como a mulher da *Cruz da Esmola* é a expressão, senão perfeita muito approximada, da alma portugueza.

Mulheres duras, aquellas, violentas, voluntariosas, que nem sempre se harmonisam com o nosso sentimento. Mas altivas, em todo o caso, com impetos de revolta que elevam o espirito. Não ha nada mais deprimente do que a resignação, levada a certo ponto. Não falta quem accuse a *Nora*, do Ibsen, e a *Magda*, de elementos de perturbação social, como attentado grave á *santidade* da familia. Ora a respeito de *santidade* da familia, cá por estes paizes latinós, temos conversado. Eu não morro de amores, evidentemente, por figuras de mulheres como a *Nora*, e nem mesmo como a *Magda*. Menos voluntariosas e caprichosas não deixam de convir. Mas, em todo o caso, mal por mal antes as quero assim, assumindo altivamente a responsabilidade dos seus actos, duras mas dignas, do que subinamente hypocritas, capazes de todas as infamias e de todas as traições, ás escondidas.

Quem pôde accusar de elementos dissolventes do lar indigena essas figuras apaixonadas dos theatros do norte? Quem, com verdade e com sinceridade?

Antes aquillo, mil vezes, do que este lodo que constitue o fundo da familia portugueza. Este producto da educação clerical, em que a mulher só serve para despertar desejos, para mentir, para atraiçoar. Em que a mulher, como mãe e como esposa, mesmo a que é honesta, raramente sabe governar a sua casa, tratar do seu marido e educar os seus filhos. Raramente! Raramente!

E vá lá, que quando é honesta já é caso para erguer as mãos ao céo. Porque, por mais que isso pese á mentira, á hypocrisia nacional, que se esfalfa a chamar virtuosas a todas as mulheres, a verdade é que a honestidade fe-

minina cada vez escasseia mais na nossa terra.

Eu presenciei uma vez um facto, que ficou para sempre gravado no meu espirito, que dá bem a nota da moralidade conjugal n'este paiz. Uma senhora, da melhor roda de Lisboa, abandonou o marido para fugir com um amante. Era mulher de um advogado muito conhecido, e mãe d'um rapaz que foi, mais tarde, professor n'um estabelecimento scientifico de grande fama.

Deu muito que falar o escandalo.

Note-se que a senhora de quem se trata mantinha, de ha muito, relações com aquelle com quem veio a fugir, e era isso do dominio publico.

Passados dias, encontrei eu essa senhora n'um lugar muito frequentado pela alta sociedade de Lisboa. E disse de mim para mim: ora sempre agora quero vêr o que fazem as outras senhoras quando a virem.

Sabem o que fizeram? Passaram por ella, hombro a hombro, como se nunca a tivessem visto, como se não a conhecessem!

Isto vi eu. Por circunstancias particulares, que não veem agora para o caso, eu sabia quaes eram as senhoras que mantinham com ella intimas relações, emquanto vivia com o marido. Algumas d'essas senhoras, casadas, faziam gala em ter amantes, apontados a dedo por todo o mundo.

Pois, repito, tão intimas da outra, emquanto ella mantinha a mancebia no lar conjugal, passaram a não a conhecer, quando ella teve a franqueza de se lançar, aos olhos de todos, abandonando o marido, nos braços do amante.

O crime não era atraiçoar o marido. Era ter a coragem de assumir a responsabilidade da traição!

Tal é a moralidade da familia portugueza. E é essa moralidade que a *Nora* e a *Magda* perturbam!

A *Nora* era uma mulher honesta e uma mulher digna. A *Magda* não era uma mulher honesta, mas era, também, uma mulher digna. Ambas altivas, ambas assumindo nobremente a responsabilidade dos seus actos. E' essa altivez, é esse espirito de responsabilidade, que repugna á subserviencia á covardia, á hypocrisia indigena?

Eu não gosto da *Nora* abandonando os filhos. Essa dureza fere a minha alma. Mas prefiro-a assim, levando a susceptibilidade ou o orgulho até esses extremos, do que envenenando as creanças com actos da mais requintada torpeza e do mais apurado pulhismo.

Prefiro, mesmo, a revolta da *Nora*, da *Magda*, ou da *Violeta* nas *Fogueiras de S. João*, á paciencia e resignação deprimente, com a solução do suicidio, da *Maria do Amparo* na *Cruz da Esmola*.

Que deve esta mulher áquelles que a recolhem? Nada. São ricos e são seus tios. Tinham o dever familiar e social de a não deixar morrer á fome. Mas ella dispensou esse dever. Ella paga em centuplo o supposto favor que recebeu. Ella trabalha mais do que uma creada e é tratada como uma escrava. Injuriam-na, offendem-na, e ella sempre paciente, sempre humilde, sempre resigna-

da! O noivo da prima, que é rico, quer casar com ella. O casamento seria a sua emancipação, a sua salvação, a emancipação de seu irmão, a salvação de seu avô. E ella regeita, para não dar desgosto á prima, que a despreza, maltrata e aborrece! E, n'um momento em que os maus tratos attingem o cumulo da crueldade, só tem, como protesto, o veneno, e, como sahida, a morte!

Pois isto é moral? Pois isto é social? Pois isto educa?

Pois esta mulher é mais verdadeira do que a *Nora* do Ibsen e do que a *Magda* do Sunderman?

Não. Nem mais verdadeira, nem mais correcta, nem mais logica. Sahe a gente do theatro como que affrontada com tanta humilhação. E' deprimente, aquillo.

E é pena. Porque o auctor da *Cruz da Esmola* é um homem de incontestavel talento e faria um bello drama com uma outra solução.

A este theatro, de simples effeitos artisticos, eu prefiro o theatro philosophico, onde a arte, aliás, não é menos brilhante, nem menos intensa. Assim os auctores tenham talento.

A *Magda* vae combater pela vida. E sahe triumphadora. E' uma altivez educativa. A *Nora* vae com dureza, mas vae com a mesma altivez, sujeitar-se ás contingencias da lucta pela existencia. A *Violeta* rouba o amôr, como a mãe rouba dinheiro, e lá vae, hirta no seu orgulho, dura no seu desespero, correr mundo atraz da sorte. Sentem-se alli os combates das almas fortes, os rugidos dos dominadores. E' todo o temperamento d'um povo que triumphava.

Na *Cruz da Esmola* sente-se o desfallecimento, a humilhação, a passividade das almas fracas. Apalpa-se o temperamento d'um povo que succumbe.

Na *Resurreição*, a Maslowa, a prostituta, também regeita o noivo, um principe, mas para se purificar, para se redimir, para viver a vida das almas de eleição. Na *Cruz da Esmola* a *Maria do Amparo*, que tem um irmão na humidade, no soffrimento, e um avô na miseria, regeita o noivo, que seria o amor, que seria a riqueza... para morrer.

E' um facto ainda da nossa educação clerical, que prefere a subserviencia ao orgulho, a resignação á revolta. Essa moral do céo, horrorosa grilheta atada ha tantos seculos aos pés da humanidade!

Mas tudo isto veio a proposito d'essa paciencia rara, que faz a gloria do indigena.

E não se pôde dizer que veio mal de todo, porque, sem isso, eu, francamente, não sei o que havia hoje de escrever.

A' falta de assumpto, serviu isso.

Verei se para o numero seguinte arranjaréi coisa melhor.

A. B.

### Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje, das 5 ás 7 da tarde, no jardim publico, é o seguinte:

«La trompeta d'el diablo». Ordinario. (Pastor). «Noite e Dia». Phantasia da opera comica (Lecocq) «Surpreza». Mazurka (\*\*\*) «Flor Campesina». Ouverture (Reis). «Fedora». Selection da opera (Giordani). Musica classica. Zarzuela (Chapi). «Moraima». Caprichos. (Espinoza). «La Campanilla». Polka (Janche).

## Horriavel scena de sangue

Ante-hontem á noite, no quartel da guarda municipal, de Lisboa, um cabo da mesma guarda matou a tiros de espingarda, os srs. capitão José Rodrigues Baptista e o alferes Arthur dos Santos Ribeiro, ambos também do mesmo corpo, por lhe terem dado 10 dias de detenção.

O assassino pôz a capital em alvoroço, porque depois de matar aquelles dois officiaes sahiu para a rua armado ainda com a kropatchec, ameaçando matar também quem pretendesse deitar-lhe a mão. Só na redacção do *Seculo*, onde o desvairado entrou para prestar declarações, como elle dizia, é que o sr. major Dias o poudo capturar.

### A nossa cartela

Regressou de Coimbra com sua ex.<sup>ma</sup> esposa e filhas, o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, digno conservador da comarca.

De Lisboa regressou a esta cidade o sr. dr. Carlos Braga, governador civil do districto.

Acompanhado de seu irmão, o sr. Anthero Duarte, regressou de Sevilha o sr. Mario Duarte, que brevemente virá a Aveiro.

De visita a seu pae, regressou da capital o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, illustrado professor do lyceu d'esta cidade.

Tambem regressou de Lisboa, á sua casa da Foz, o sr. Paulo de Barros.

Já se encontra com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, na sua casa d'esta cidade, o sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, zeloso administrador da Fabrica de Porcellana da Vista Alegre.

Partiu hoje para Lisboa, afim de tratar dos seus negocios commerciaes, o nosso velho e honrado amigo, sr. Joaquim Matheus Farto.

## ELEIÇÕES

Foi designado o dia 26 de junho para as novas eleições de deputados, em virtude da dissolução das côrtes.

Eleições é um modo de dizer; simulacro, comedia, ou coisa equivalente e que lhe queiram chamar, porque de eleições só tem o nome.

Por aqui nem a *coisa* é falada. O que deu causa a ditos picantes e engraçados foi a provavel ligação do *pseudo* grupo franquista ao grupo progressista. Havia de ter a sua graça se a coisa fosse ávante. Lá isso tinha.

### Os lampianistas da companhia do gaz

Collectivamente, pediram os lampianistas d'esta cidade a sua demissão, visto que o sr. director da Companhia do gaz em Aveiro, lhes exigia mais uma limpeza diaria nos candieiros da cidade.

Não era muito, na verdade, o que se pedia aos lampianistas, mas é certo que sendo elles homens do trabalho, e bem pobres, não se sujeitaram a essa nova exigencia, preferindo ir para a rua, arrostar, talvez, com maiores sacrificios e misérias. O motivo está na insignificancia que elles percebem, 240 réis apenas, tendo de pagar á sua custa o azeite e os phosphoros que gastam em accender os candieiros. Ora é certo que, obrigando os pobres homens a mais alguns trabalhos do que os que já teem, não lhes sobeja tempo para ganharem alguma coisa por fóra para remediarem as faltas que a careza dos comestiveis leva ás suas magras cosinhas.

Foi publicado no *Diario do Governo* um aviso aos individuos que não estejam habilitados com qualquer officio ou com algum capital não é conveniente a sua emigração para as colonias, sem terem a prévia certeza de obter alli collocação.

**A GUERRA RUSSO-JAPONESA**

**A derrota russa em terra**

Causou assombro no mundo in ciro a nova derrota por terra infligida aos russos pelos japonezes na travessia do Ya-lu.

Como sempre, os telegrammas de proveniencia russa tentam encobrir o enorme fracasso das suas armas, mas não resta duvida alguma que a derrota foi medonha e que deve alterar grandemente os projectos aggressivos do importante imperio.

Pelo relatório que segue verão os nossos leitores confirmado o que dizemos:

«Após 5 dias de combate, durante os quaes a artilheria desempenhou o principal papel, o primeiro corpo de exercito, commandado pelo general Kuroki, forçou a passagem do rio Ya-lu.

A infantaria japoneza, estendida n'uma distancia de mais de quatro milhas, avançou com impeto e desalojou os russos de Kialentse e outras posições situadas na margem direita do rio I-ho.

Os japonezes envolveram a ala esquerda das posições russas e varreram de novo a frente interposta pelos russos para fazer fracassar o movimento de avanço.

A posição occupada actualmente pelos japonezes é muito forte e póde obrigar os russos a abandonar as obras de defeza construidas em Antung e outros pontos a jusante do rio.

O general Kuroki começou o seu movimento na terça-feira, dando ordem a um destacamento da guarda imperial para se apoderar da ilha de Kurito, situada a montante do Wiju, e a um destacamento da segunda divisão para tomar a ilha de Kinteito, a jusante do mesmo.

Os soldados da guarda imperial encontraram alguma resistencia, mas conseguiram apossar-se da ilha de Kurito.

Os russos abandonaram a ilha de Kinteito assim que a segunda divisão japoneza iniciou o ataque. Ignoram-se as perdas soffridas pelo inimigo.

A guarda imperial teve nove feridos gravemente e dezeseis ligeiramente. A segunda divisão não teve baixa alguma.

N'este combate os russos puzeram em acção 8 peças de 0,095, que tinham postadas n'uma collina á rectaguarda de Kialentse, e 2 canhões Hotchkiss, collocados nas margens do rio, em frente de Kosan, onde, segundo parece, estava o quartel general russo.

A bateria de artilheria russa, que estava postada n'uma collina a leste do Wiju, fez fogo tres vezes contra Kosan.

Na terça-feira, ao meio dia, as baterias russas de Kialentse canho-

nearam Wiju, ferindo um soldado japonéz.

Na quarta-feira continuaram os russos a canhonear Wiju, fazendo fogo com intervallos regulares, e sustentando o fogo todo o dia.

A artilheria japoneza não respondeu.

Durante o dia, o general Kuroki foi informado de que os russos estavam fortificando as alturas situadas na margem direita do rio I-ho, offluente do Ya-lu, quasi em frente de Wiju. As obras de defeza dos russos estendiam-se de Kialientse até Hosheko, cobrindo uma distancia de 6 kilometros.

Na quinta-feira, os russos recommearam o canhoneio; mas o seu fogo não produziu resultado algum.

O general Kuroki ordenou a duas companhias da guarda imperial que passassem o Ya-lu e fizessem um reconhecimento na margem esquerda do I-ho, afim de tomarem conhecimento da especie de fortificações levantadas alli pelos russos.

As forças que praticaram o reconhecimento avançaram até Kosan e destacaram exploradores em direcção a esta aldeia, que acharam occupada por um pouco numeroso destacamento russo, ao qual atacaram, matando-lhe cinco homens.

Os russos fizeram fogo das baterias que tinham postadas nas collinas a sueste de Kosheko, sem causar damno ás tropas que effectuaram o reconhecimento.

As baterias russas de Kialientse romperam fogo de flanco, outra vez, contra Wiju, a ilha de Kurito e Seicodo, ao sul de Wiju, onde estavam installadas algumas baterias japonezas. O canhoneio prolongou-se até ás 8 horas.

O general Kuroki declara que o fogo da artilheria russa embora não tenha produzido effeito, difficultou o desenvolvimento do plano dos japonezes.

Na sexta-feira os russos volveram a fazer fogo sobre Wiju, sem conseguir que lhes respondesse a artilheria japoneza.

A 12.ª divisão japoneza, designada para forçar a passagem do rio, começou na sexta-feira a desalojar os russos que occupavam a margem fronteira a Suikochina, oito milhas a jusante de Wiju, ponto escolhido para a passagem, e tratou de lançar n'aquelle sitio uma ponte de barcas.

A passagem do rio começou no sabbado ás 3 horas da madrugada, e, ás 6 da tarde do mesmo dia, toda a divisão estava de posse das posições situadas na margem direita que lhe haviam sido indicadas para a batalha de hoje.

O movimento da 12.ª foi apoiado pelo 2.º regimento de artilheria de campanha e por uma peça de grosso calibre.

No sabbado, pela manhã, a artilheria russa postada ao norte e a leste de Kialientse, começou a canhonear os postos avançados dos japonezes, cujas baterias responderam, reduzindo ao silencio a artilheria russa.

O general Wurski expõe que, na sua opinião, o fogo da artilheria japoneza foi muito vivo.

As perdas japonezas no combate de sabbado foram 2 soldados mortos, 5 officiaes e 22 soldados feridos.

Uma esquadilha de canhoneiras, destacada da esquadra do commando do almirante Hussuya, tomou parte no combate.

A passagem das tropas sobre Ya-lu durou toda a noite.

O general Wuroki telegraphou n'aquelle mesma noite ao estado maior dizendo que tencionava atacar o inimigo no 1.º de maio ao romper da aurora.

Para este fim concentrou todo o fogo da artilheria contra as posições russas situadas entre Kialientse e Yosheko. Os russos responderam ao fogo com todas as suas peças, que, ás 7 da manhã, estavam reduzidas ao silencio.

Meia hora mais tarde ordenou o general que começasse o ataque em toda a linha.

A infantaria japoneza avançou a passo de carga, atravessou o I-ho com agua até aos peitos, e ás 8 horas foi ao assalto das posições occupadas pelo inimigo, cujas forças estavam, ás 9 horas, em completa debandada.

Brevemente vai a «Sociedade Recreio Artístico» adquirir para uso dos seus socios, as celebres espingardas «Flobert», para chumbo e setta.

E' mais um melhoramento que a direcção introduz n'aquelle casa de recreio e com o que muito aproveitarão os associados, especialmente os filiados no tiro civil.

Não foi á Associação dos Constructores Civis, como erradamente dissemos no nosso ultimo numero, mas sim a esta florescente Sociedade, que o sr. José Maria de Mattos, desta cidade, residente em Lisboa, offereceu 2:500 reis para a sua Caixa de Soccorros.

**A navalha em acção**

No domingo passado, na rua do Gravito, envolveram-se em desordem varios individuos, sahindo de ella feridos, por faccadas, alguns dos contendores.

O sr. José Pedro Ferreira, honesto artista d'esta cidade, passando n'essa occasião pelo local, interveiu na desordem separando os mais ferrenhos. N'esta occasião, um de elles vibrou-lhe uma forte faccada nas costas, deixando-o em estado bastante grave.

O ferimento foi cosido a pontos naturais na pharmacia Aveirense.

O faquista é um menor d'esta cidade que não só feriu aquelle sr., como tambem mais uns dois individuos a quem esfaqueou as pernas.

O precezo aggressor foi recolhido á cadeia onde prestará contas pelas proezas commettidas.

O sr. José Pedro Ferreira acha-se ainda impossibilitado de trabalhar, o que sentimos.

com presteza, omitindo se as ceremonias usadas quando não ha receio de que o enfermo expire antes de ungir-se. Principion o padre a ungir-lhe os olhos; e logo notaram que os dedos lhe tremiam convulsivamente. Esteve com a mão suspensa, esperando que o tremor aquietasse. Desfitou os olhos da face da moribunda, e viu as cinco filhas ajoelhadas em carreira com os cirios empunhados, e os rostos caídos sobre os seios. Contemplou-as com olhar embaciado de lagrimas, e na bocca um sorriso triste, que poderia ser qualquer coisa do usual sorrir dos santos, e tambem poderia ser a expressão vulgar da insania. Esta equivooca expressão, porém, sumiu-se, e as lagrimas saltaram a quatro. Depois, foi um conficto aquelle para ser visto dos que apenas conhecem alguns milhares de flagellos n'esta vida! Caiu em joelhos, pegou das mãos ambas da enferma, e exclamou:

— Soror Josepha da Cruz!

A enferma estremeceu, despregou as palpebras, circumvagueou as pupilas esgazeadas, e retraiu-as logo, como se a face do padre lhe fulminasse falcas de raio aos olhos.

— Os aprestos para a extrema-uncção—disse o syndico.

— Venha o capellão ministrar-lh'a—ajuntou a prioreza.

— Não, nossa madre: serei eu—disse o padre Braz.

Accorreram os aprestos, enquanto Braz Luiz desceu á egreja a envergar uma cotta com estola róxa. Deu signal o sino, ajuntaram-se as freiras acolytas, uma com a cruz, outras com vellas, outra com á caldeirinha, e muitas cantando alternadamente os versos do psalmo *Miserere mei Deus*. Entrou á cella o padre, precedido da cruz e da caldeira. A prioreza observou que as uncções deviam ser feitas

**As tragedias do adulterio**

A população da Villa da Feira acaba de ser profundamente emocionada por um tragico acontecimento, que por muito tempo alli ha de ficar memorado.

Um marido assassinou a esposa com um tiro de revolver e tentou suicidar-se em seguida.

Foi ha pouco mais de seis mezes que os personagens d'esta espantosa tragedia se consorciaram.

Elle chama-se Arthur de Oliveira e conta 22 annos de idade, a esposa chama-se Carolina Pinto, tinha apenas 20 annos e era filha d'um conhecido negociante d'aquella villa.

De genio leviano, a rapariga, esquecida dos seus deveres, cahiu em graves delictos de adulterio, em que o marido a surpreendeu ha cerca de um mez, abandonando-a por isso, immediatamente.

A familia, porém, tratou de mover o animo do rapaz no intuito de o resolver a juntar-se de novo com a esposa, até que ha dias os dois fizeram as pazes.

Mas no intimo do marido, uma ideia terrivel se assentara, dominando-o, embora elle não deixasse de modo algum perceber-a, não a denunciando por qualquer gesto ou palavra.

Antes, fingindo-se satisfeito com o reatamento da sua vida conjugal, disse á esposa que fosse a casa buscar uns objectos quaesquer, indo esperal-a em um sitio chamado o *Pontão*, e quando aquella, voltando, alli chegava, o Arthur de Oliveira avançou para ella, armado de um revolver e prostrou-a, immediatamente morta.

Em seguida, voltando a arma contra si, disparou dois tiros na cabeça. A morte não lhe sobreveio, e as ultimas noticias dizem haver algumas esperanças de o salvar.

**Desastre.—Ao sr. commissario de policia**

Encontra-se gravemente enfermo em Luzo, o sr. Francisco Dias de Moura, empregado da casa Singer, d'esta cidade, pelo motivo de uma forte queda que deu d'uma bicycleta quando descia uma ribanceira n'aquelle local.

O seu estado é tão grave que já por vezes tem corrido entre nós que o infeliz tinha fallecido, o que felizmente se não tem confirmado até hoje.

Ao sr. commissario de policia de Aveiro, lembramos a necessidade de se tornar um pouco mais rigoroso com os srs. ciclystas, pois que não é raro verem-se por ali, já fóra de horas, com as lanternas apagadas e passando por nós com grande velocidade, naturalmente para escaparem ás vistas da policia, o que póde ocasionar sérios desastres. Já não é, no entanto, o primeiro.

**Importante aquisição**

Acaba de chegar ao importante deposito de calçado do nosso amigo José Almeida dos Reis, ás cinco ruas, uma grande remessa de calçado das principaes fabricas de Lisboa.

Este nosso amigo tem em deposito tal quantidade d'este artigo, que resolveu vendel-o por preços que estejam ao alcance de todas as bolsas.

Tem botas para homem e senhora desde 1:500, 2:000, 2:500, 3:000 e 3:500 reis, assim como para creança. Vende tambem, e baratissimo, sapatos e botas de alparcata de diferentes feitios.

com presteza, omitindo se as ceremonias usadas quando não ha receio de que o enfermo expire antes de ungir-se. Principion o padre a ungir-lhe os olhos; e logo notaram que os dedos lhe tremiam convulsivamente. Esteve com a mão suspensa, esperando que o tremor aquietasse. Desfitou os olhos da face da moribunda, e viu as cinco filhas ajoelhadas em carreira com os cirios empunhados, e os rostos caídos sobre os seios. Contemplou-as com olhar embaciado de lagrimas, e na bocca um sorriso triste, que poderia ser qualquer coisa do usual sorrir dos santos, e tambem poderia ser a expressão vulgar da insania. Esta equivooca expressão, porém, sumiu-se, e as lagrimas saltaram a quatro. Depois, foi um conficto aquelle para ser visto dos que apenas conhecem alguns milhares de flagellos n'esta vida! Caiu em joelhos, pegou das mãos ambas da enferma, e exclamou:

— Soror Josepha da Cruz!

A enferma estremeceu, despregou as palpebras, circumvagueou as pupilas esgazeadas, e retraiu-as logo, como se a face do padre lhe fulminasse falcas de raio aos olhos.

— Os aprestos para a extrema-uncção—disse o syndico.

— Venha o capellão ministrar-lh'a—ajuntou a prioreza.

— Não, nossa madre: serei eu—disse o padre Braz.

Accorreram os aprestos, enquanto Braz Luiz desceu á egreja a envergar uma cotta com estola róxa. Deu signal o sino, ajuntaram-se as freiras acolytas, uma com a cruz, outras com vellas, outra com á caldeirinha, e muitas cantando alternadamente os versos do psalmo *Miserere mei Deus*. Entrou á cella o padre, precedido da cruz e da caldeira. A prioreza observou que as uncções deviam ser feitas

com presteza, omitindo se as ceremonias usadas quando não ha receio de que o enfermo expire antes de ungir-se. Principion o padre a ungir-lhe os olhos; e logo notaram que os dedos lhe tremiam convulsivamente. Esteve com a mão suspensa, esperando que o tremor aquietasse. Desfitou os olhos da face da moribunda, e viu as cinco filhas ajoelhadas em carreira com os cirios empunhados, e os rostos caídos sobre os seios. Contemplou-as com olhar embaciado de lagrimas, e na bocca um sorriso triste, que poderia ser qualquer coisa do usual sorrir dos santos, e tambem poderia ser a expressão vulgar da insania. Esta equivooca expressão, porém, sumiu-se, e as lagrimas saltaram a quatro. Depois, foi um conficto aquelle para ser visto dos que apenas conhecem alguns milhares de flagellos n'esta vida! Caiu em joelhos, pegou das mãos ambas da enferma, e exclamou:

— Soror Josepha da Cruz!

A enferma estremeceu, despregou as palpebras, circumvagueou as pupilas esgazeadas, e retraiu-as logo, como se a face do padre lhe fulminasse falcas de raio aos olhos.

— Os aprestos para a extrema-uncção—disse o syndico.

— Venha o capellão ministrar-lh'a—ajuntou a prioreza.

— Não, nossa madre: serei eu—disse o padre Braz.

Accorreram os aprestos, enquanto Braz Luiz desceu á egreja a envergar uma cotta com estola róxa. Deu signal o sino, ajuntaram-se as freiras acolytas, uma com a cruz, outras com vellas, outra com á caldeirinha, e muitas cantando alternadamente os versos do psalmo *Miserere mei Deus*. Entrou á cella o padre, precedido da cruz e da caldeira. A prioreza observou que as uncções deviam ser feitas

**Tiro Civil**

As provas de tiro destinadas para domingo ultimo na da Gafanha, não tiveram logar por não haverem no quartel as armas especies que o governo costuma fornecer aos atiradores civis. E como estas chegassem esta semana, partem hoje para alli os filiados a fim de as realisar.

No Theatro Aveirense, tem logar no dia 14 do corrente, á noite, como se vê pelo convite abaixo, uma conferencia sobre o Tiro Nacional.

\*\*\*

A Direcção do Club Mario Duarte previne os ex.ºs socios de que podem desde já requisitar na sede do Club, os seus bilhetes de admissoão á conferencia sobre o Tiro Nacional, que se realisar na noite de 14 do corrente, no Theatro Aveirense.

A requisição tem de ser feita até ao dia 12 proximo.

Aveiro, 6 de maio de 1904.

O Presidente da Direcção,  
José da Fonseca Prat.

**UM PAE INFAME**

**Denunciado pelas victimas —Prisão do monstro**

No numero 89 da rua Haxo, em Paris, habitam ha uns dez annos Eugenjo Henrique, de quarenta e sete annos, carroceiro, Julieta, sua mulher, de quarenta annos, e duas filhas, Luiza, de desesete annos, lavadeira, e Amelia, de dez annos apenas.

Toda a familia gosava no bairro da melhor reputação; apenas do pae se dizia que era homem violento e em demasia arrebatado.

Na segunda-feira ultima, Luiza, a mais velha das raparigas, uma deliciosa trigueirinha, apresentou-se lacrimosa no commissariado de policia do bairro.

— Já não posso mais! soluçava a pobre rapariga. Não posso por mais tempo guardar este segredo odioso, estou resolvida a falar.

E, dizendo quem era, contou ao magistrado com uma minucia de pormenores que não podem ser reproduzidos, que desde a idade de dez annos seu pae abusava d'ella quando a mãe não estava em casa, circumstancia que elle provocava mandando-a a qualquer recado onde tivesse que demorar-se.

— Não me atrevia a queixar-me, concluiu a desditosa rapariga, com medo de que meu pae me matasse, como elle me disse que faria se eu dissesse a alguém os tratos que soffria, e continuaria calando-me para evitar que a minha pobre mãe soubesse do acontecido; mas ha bocado surprehendi meu pae praticando com minha irmã os mesmos actos revoltantes.

Por isso eu venho contar tudo para ver se posso salvar ainda aquella pobre creança da selvageria do meu pae. Ao menos que não tenha a sorte desgraçada que sobre mim cahiu!

Um minucioso inquerito a que procedeu o commissario demonstrou a exactidão dos factos denunciados, e o infame pae foi chamado ao commissariado onde o confrontaram com as filhas, as suas victimas.

A principio procurou negar, mas em vista da declaração do medico, que examinou a pequenita, acabou por tudo confessar com um cynismo revoltante.

Foi sob as maldições da esposa e de toda a vizinhança que o repugnante individuo deu entrada na prisão.

Aos srs. agricultores pedimos para experimentarem o ADUBO ORGANICO que se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas. O preço de cada kilo é de 25 réis.

**Notas alegres**

Um estudante perguntou a um frade a que companhia pertencia.

— A' de Jesus, lhe respondeu o frade.

O estudante redarguiu-lhe:

— Mas Jesus teve duas companhias. Uma de bestas no presépio, e outra de ladrões no Calvario. A qual pertence vossa reverendissima?

**TYPOGRAPHO**

OFFERECE-SE um com bastante pratica de jornal.

N'esta redacção se diz.

**FOLHETIM**

(48) GAMILLO CASTELLO BRANCO

**O OLHO DE VIDRO**

(Romance historico)

XVII

**O inferno, como elle é possível**

Eu negaria minha fé a quem me dissesse que a prece dos infelizes sem culpa não ha Deus que a ouça e atenda. Se ha!...

N'um dia de junho de 1735, ao sexto mez de professa, soror Josepha da Cruz, depois de trez semanas de aturada hemoptyse, amanheceu com uns spasmos convulsos, chamando pelas filhas, que a rodeavam, e ella não via. Acudiram as freiras, e ordenou a prioreza que fosse chamado confessor e medico. Avisaram o padre Braz, syndico do convento. Estava elle resando as contas, e voltou o rosto da

peessoa que lhe levou o aviso, para atar um *pater noster* interrompido no *fat voluntas tua*. Trez vezes repetiu com seraphico arrobamento o *fat voluntas tua*—«faça-se a tua vontade»—e de si para si entendem que aquelle seu despego em tamanho transe, ao annunciarem lhe que sua mulher estava em trabalhos de morte, era igual ao de muitos lances de natureza idêntica, e santo stoicismo, contados no *Flos-Sanctorum*, e *Vita patrum*.

Concluido o ultimo mysterio do rosario, aspergiu se de agua benta, e foi caminho do convento, resmuneando o psalmo: . . . *Amplius lava me ab iniquitate mea: et a peccato meo munda me. Quoniam iniquitatem meam ego agnosco*. . . etc.

Ao avizinhar-se da cella da enferma o syndico, disse á prelada:

— Irmã Josepha, aqui está o nosso padre syndico Braz Luiz.

Soror Josepha, não vellou o rosto, porque já não entendera o aviso da prioreza.

Braz Luiz deu de olhos fitos na sua companheira de quinze annos. Ressumou-lhe ao rosto um suor frio,

cambaleou, e amparou-se á hombraira da porta.

Depois, tornou em si, invocou a força dos santos, compôz o semblante, acercou-se do catre da moribunda, e balbuciou:

— Soror Josepha da Cruz!

A enferma estremeceu, despregou as palpebras, circumvagueou as pupilas esgazeadas, e retraiu-as logo, como se a face do padre lhe fulminasse falcas de raio aos olhos.

— Os aprestos para a extrema-uncção—disse o syndico.

— Venha o capellão ministrar-lh'a—ajuntou a prioreza.

— Não, nossa madre: serei eu—disse o padre Braz.

Accorreram os aprestos, enquanto Braz Luiz desceu á egreja a envergar uma cotta com estola róxa. Deu signal o sino, ajuntaram-se as freiras acolytas, uma com a cruz, outras com vellas, outra com á caldeirinha, e muitas cantando alternadamente os versos do psalmo *Miserere mei Deus*. Entrou á cella o padre, precedido da cruz e da caldeira. A prioreza observou que as uncções deviam ser feitas

com presteza, omitindo se as ceremonias usadas quando não ha receio de que o enfermo expire antes de ungir-se. Principion o padre a ungir-lhe os olhos; e logo notaram que os dedos lhe tremiam convulsivamente. Esteve com a mão suspensa, esperando que o tremor aquietasse. Desfitou os olhos da face da moribunda, e viu as cinco filhas ajoelhadas em carreira com os cirios empunhados, e os rostos caídos sobre os seios. Contemplou-as com olhar embaciado de lagrimas, e na bocca um sorriso triste, que poderia ser qualquer coisa do usual sorrir dos santos, e tambem poderia ser a expressão vulgar da insania. Esta equivooca expressão, porém, sumiu-se, e as lagrimas saltaram a quatro. Depois, foi um conficto aquelle para ser visto dos que apenas conhecem alguns milhares de flagellos n'esta vida! Caiu em joelhos, pegou das mãos ambas da enferma, e exclamou:

— Soror Josepha da Cruz!

A enferma estremeceu, despregou as palpebras, circumvagueou as pupilas esgazeadas, e retraiu-as logo, como se a face do padre lhe fulminasse falcas de raio aos olhos.

— Os aprestos para a extrema-uncção—disse o syndico.

— Venha o capellão ministrar-lh'a—ajuntou a prioreza.

— Não, nossa madre: serei eu—disse o padre Braz.

Accorreram os aprestos, enquanto Braz Luiz desceu á egreja a envergar uma cotta com estola róxa. Deu signal o sino, ajuntaram-se as freiras acolytas, uma com a cruz, outras com vellas, outra com á caldeirinha, e muitas cantando alternadamente os versos do psalmo *Miserere mei Deus*. Entrou á cella o padre, precedido da cruz e da caldeira. A prioreza observou que as uncções deviam ser feitas

# EMPRESA CERAMICA

DA  
**FONTE NOVA**

DE

**Mello Guimarães & Irmãos**  
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-  
lha, feita pelos processos mais modernos e aper-  
feioados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande  
quantidade de telha franceza e seus accessorios,  
e bem assim outros artigos para construcções,  
taes como: azulejos para revestimento de pa-  
redes de variados gostos, vasos para frontarias,  
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos  
que rivalisam com os das principaes fabricas  
congeneres do paiz.

Telolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

## ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes  
e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zin-  
co, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de  
aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças,  
panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros,  
pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede  
para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em  
massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Com-  
panhia SINGER obtiveram na Ex-  
posição de Paris de 1900 o mais alto  
premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tan-  
tas outras que estas excellentes e  
bem construidas machinas teem al-  
cancado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## CAIXEIRO

PRECISA-SE d'um com pratica  
de mercearia e vinhos para  
uma casa d'esta cidade.

Prefere-se que tenha boa ca-  
ligraphia e que dê fiador á sua  
conducta.

Carta a esta redacção.

## EMPREGADO

HOMEM com bastante pratica  
de commercio, habitos de tra-  
balho e alguma instrucção lite-  
raria, deseja collocar-se em escri-  
torio, fabrica ou casa commer-  
cial, onde possa trabalhar em  
harmonia com as suas aptidões.

Conhece além de outros o ne-  
gocio de cereaes, legumes e vi-  
nhos, cujas transações póde pro-  
mover.

Quem precisar ou quizer mais  
esclarecimentos, deixe carta n'es-  
ta redacção, com as iniciaes.—

P. A.

## Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-  
dores de que recebe gado  
para açougue nas epochas  
propias pelos preços que  
constam do seu contracto.

Venda de productos do  
Matadouro Municipal de Lis-  
boa, sangue secco e pulve-  
risado para adubos (o mais  
rico em azote), tonelada réis  
68:000, tripa larga 240  
réis cada massa, tripa es-  
treita 260 réis cada massa,  
couros todos os sabbados  
ao meio-dia, sebo, estrume,  
etc.

Rua da Boa Vista,  
3 Lisboa

## ATENÇÃO

VENDEM-SE  
PULVERISADORES

Systema Vermorel... 8000  
Gallott... 9000  
Gobet... 9000  
Topillos, systema  
Vermorel... 4500

no deposito da importante casa  
bacarense Antonio Correia Braga.  
Em Aveiro, Antonio Ferreira  
Felix, Filhos (Successores) aonde  
acaba de chegar uma grande re-  
messa d'este artigo.

Todas as machinas se vendem  
garantidas por cinco annos.

## A AMBIGÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gra-  
vuras coloridas por Manuel de Macedo  
e Roque Gameiro, e impressa em  
magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas,  
40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem re-  
metter adeantamente a esta empreza  
a importancia de dez cadernetas ou  
tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer  
numero de cadernetas e tomos.

A Editora—Largo do Conde  
Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as  
terras do continente, colonias e Brazil.

## DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.

A machina «PFAFF» para alfaiates.

A machina «PFAFF» para modistas.

A machina «PFAFF» para sapateiros.

A machina «PFAFF» para seleiros.

A machina «PFAFF» para corrieiros.

A machina «PFAFF» para toda a classe de costura,  
desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha  
de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condi-  
ções especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para  
toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratui-  
tamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

# METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada  
pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis,  
cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL  
em 35 cartões, preço, 65000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre  
questões de pedagogia), 1  
vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, methodo de João de Deus, com  
prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr.  
Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag. br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenadas pelo dr. Theophilo  
Braga, um elegante volume de 525 pag., com  
dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indis-  
pensavel aos  
que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João  
de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas  
principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem  
terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus,  
Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer  
explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á  
viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 43, 1.º (á Es-  
trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o  
referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida  
& Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita  
aos Arcos, ha sempre excellente  
calçado feito, tomando-se tambem en-  
comenda por medida. Pela segurança  
da obra e pela boa qualidade dos cabe-  
daes se responsabilisam os annuncian-  
tes.

Equamente garantem a todos a mo-  
dicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gómes  
de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160  
—LISBOA.

Preço 200